

Narrativa transmidiática: um estudo sobre a atualização do jornalismo como lugar de memória¹

Autora: Dahiana dos Santos Araújo²

Orientadora: Valquíria Aparecida Passos Kneipp³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Resumo: Este trabalho debate mudanças de práticas sociais no cotidiano da imprensa ao narrar fatos históricos, além de problematizar os avanços relacionados a inovações tecnológicas incorporadas ao processo de produção jornalística a partir do uso de recursos da convergência na imprensa. O estudo destaca o papel da memória na perspectiva midiática, diante da pluralidade de plataformas por meio das quais a notícia é produzida e, em seguida, consumida pelo leitor.

Palavras-chave: jornalismo transmidiático, memória, convergência

¹ Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com especialização em Jornalismo Científico pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade de Fortaleza (Unifor).

³ Jornalista graduada pela Unesp de Bauru, com mestrado e doutorado pela Eca/USP em Ciências da Comunicação. Professora dos Cursos de Comunicação Social da UFRN e vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia.

Introdução

A fluidez com a qual a narrativa jornalística é produzida e também consumida a faz testemunha de um passado. Vira memória tão logo se concretiza o produto final da narrativa. E quando se trata especificamente do jornalismo online, o presente vai embora ainda mais depressa e, em muitos casos, o conteúdo elaborado e publicado, muitas vezes de maneira pragmática, em questões de horas, já faz parte do passado. Torna-se, portanto, o “lugar de memória” – conforme definição do autor francês Pierre Nora – de distintos acontecimentos no mundo inteiro. (CASADEI, 2009)

O advento constante e ágil das novas tecnologias que também chegaram ao âmbito do jornalismo deu novos rumos à atividade, transformando, inclusive (e muitas vezes principalmente), a linguagem jornalística, hoje impregnada de elementos multimidiáticos dispostos sobre a tela para atrair mais leitores e manter os de outrora. No entanto, as inovações foram além, ganharam novos suportes, e mais e mais aparelhos têm sido inseridos nessa teia informativa que todos os dias se produz memória. (PALÁCIOS, 2003; LÉVY, 1999).

Esse aparato de suportes inseridos no modo de contar histórias – não necessariamente histórias reais como ocorre no jornalismo, mas também em linguagens distintas como do cinema, da telenovela, rádio, etc. – é definido pelo autor Henry Jenkins como “narrativa transmidiática”.

Uma história transmidiática se desenrola através de múltiplos suportes midiáticos, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmidiática, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração e um parque de diversões. (JENKINS, 2008, p. 135).

É como se pedaços da narrativa fossem reservados a suportes diferenciados, fazendo com que cada um se complemente a fim de que o todo tenha um sentido coerente. No entanto, salienta o autor, é preciso que a não presença de um desses suportes na absorção e

interpretação do contexto não venha a prejudicar a compreensão do todo ou da parte que cabe a um deles.

A definição de narrativa transmidiática se assemelha à multimídia trabalhada também pelo francês Pierre Lévy. A diferença, todavia, é o fato de que no processo transmidiático os elementos são dispostos em suportes diferenciados –TV, rádio, celular, computador, etc. – enquanto que a multimídia concernente ao jornalismo corresponde a uma mídia só, na maioria das vezes o computador, por meio do qual se pode ler textos, além, de conferir fotos, vídeos, gráficos.

Embora os avanços em pesquisas relacionadas à produção de notícia deem conta de um jornalismo que não se subdivide em apenas “online”, tendo em vista que o processo de convergência é realidade cada vez mais intensa e abrangente em redações do mundo inteiro, é fato que boa parte do material presente nos portais de notícias foi pensando especificamente para a internet, para somente depois ganhar abrangências em outras mídias.

Uma reflexión sobre el Periodismo Transmedia es que viene a ser una forma de lenguaje periodístico que contempla, al mismo tiempo, distintos medios dirigidos com diversos lenguajes y narrativas a partir de muchos medios dirigidos a diferentes usuarios y todo esto gracias a la interactividad del mensaje. Por tanto, se adoptan recursos audiovisuales, interactivos y de movilidad y su difusión a partir de distintos medios, como los blogs y las redes sociales. (FLORES E PORTO, 2012, P. 16).

Então, para alcançar os interesses da sociedade imersa no cotidiano de inovações, o jornalismo costura novas possibilidades a partir dessa narrativa transmidiática, na busca por fortalecer a interação entre suportes midiáticos. É quando a cultura da convergência ganha destaque dentro das redações. Levando, portanto, em conta as narrativas transmidiáticas, sem deixar de lado o caráter multimidiático do jornalismo, questiona-se neste trabalho – que é uma adaptação do projeto de pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – de que maneira atua o jornalismo como lugar de memória diante da autonomia que os suportes midiáticos na imprensa muitas vezes se comportam. Reflete-se,

portanto, em cima da seguinte questão: A cultura transmidiática atualiza o papel do jornalismo como lugar de memória?

Trabalha-se nesta pesquisa com a hipótese de que o ir e vir de informações acerca de determinados assuntos que rememoram o passado ou refletem sobre o presente ou futuro podem potencializar o sentido completo de uma informação jornalística acerca de um fato histórico. Diante de informações sobre temas que necessitam de uma contextualização mais intensa, o papel nem sempre é suficiente para acolher a quantidade de dados. Recorre-se, então, a ferramentas que levam o leitor ao celular, ao tablet, ao computador. Abrem-se fóruns, costumam-se estratégias que fazem o espectador passar por diversos ambientes. Mas diante dessa realidade, que espaço tem a construção coerente da memória acerca de um fato, local, episódio, obra de arte dentro dessa teia informativa?

A pesquisa deverá ser guiada por meio de um estudo de caso da cobertura da Jornada Mundial da Juventude (JMJ Rio 2013), evento internacional ocorrido no Rio de Janeiro, entre os dias 23 e 28 de julho de 2013. Serão abordados os textos do O Globo online e suas extensões e complementos em outras plataformas. Durante o evento, jornalistas de diversas editorias se dividiram em uma cobertura que focou, além do encontro de jovens do mundo todo com a presença do Papa Francisco na cidade, aspectos ligados à estrutura da cidade, assim como questões de política, economia, cultura, etc.

O encontro é considerado um marco histórico, tanto pela presença de um papa no Brasil, assim como pelo fato de ter sido o primeiro evento internacional com a presença do Papa Francisco, escolhido após a primeira renúncia de um pontífice da história da Igreja. Outros aspectos também revelem o caráter histórico do evento, como a escolha de um papa latino-americano para comandar o Vaticano e as expectativas pela realização de manifestações sociais, que há poucas semanas havia eclodido no país inteiro, inclusive no Rio de Janeiro.

É uma avaliação da abordagem dada pelo jornalismo transmidiático ao evento histórico, levando em conta a dimensão histórica do evento, que deve ficar registrado na memória das sociedades de diversos países a partir da cobertura jornalística, que contou com centenas de profissionais de todos os continentes credenciados para narrar as tantas histórias ocorridas ao longo da JMJ Rio 2013.

E é justamente sobre o papel da memória, tendo a história como a “ciência do passado”, que Jacques Le Goff trata em seu livro *História e Memória*.

O autor – que se ocupa primordialmente da memória coletiva, foco abordado na história e na Antropologia – lembra que a imprensa tem papel relevante nessa dinâmica de contar a história e destaca que o aparecimento da imprensa “revoluciona” a memória ocidental e para embasar e fortalecer a sua afirmativa, o pesquisador ainda cita Leroi-Gourhan:

Com o impresso... não só o leitor é colocado em presença de uma memória coletiva enorme, cuja matéria não é mais capaz de fixar integralmente, mas é frequentemente colocado em situação de explorar textos novos. Assiste-se então à exteriorização progressiva da memória individual; é do exterior que se faz o trabalho de orientação que está escrito no escrito. (LEROI-GOURHAN, 1974, p. 69-70 *in* GOFF, p. 394).

Para tanto, cabe analisar se o fato de várias informações sobre o mesmo assunto estar distribuído entre diferentes suportes – dados esses que precisam ser autônomos – fortalece o conteúdo final das mensagens. Dentro dessa perspectiva, objetiva-se avaliar de que maneira a memória é tratada, que espaço recebe e com qual ênfase está presente dentro das narrativas jornalísticas de acontecimentos históricos a partir do uso da cultura transmidiática.

O procedimento metodológico básico para a investigação empírica do objeto em estudo será uma análise qualitativa, à qual se constitui num conjunto de abordagens em que se dá maior atenção à existência e à prática comunicativa. Para o desenvolvimento do trabalho serão analisadas matérias jornalísticas publicadas no O Globo Online acerca da Jornada Mundial da Juventude (JMJ Rio 2013), assim como desdobramentos autônomos ou não presentes em outras plataformas.

O fato histórico será demarcado para saber que espaço e que papel ganhou dentro da narrativa jornalística e que estruturas foram montadas para a elaboração e publicação de matérias em diferentes editoriais do periódico acerca do evento. Haverá ainda a tentativa de se comparar, em alguns momentos, como ocorreu o processo de interação a partir das matérias publicadas, examinando, assim, o papel da memória nas narrativas construídas pelos jornalistas e nas respostas passadas por leitores em forma de comentários, críticas,

sugestões inseridas nas diversas plataformas por meio das quais as histórias foram contadas.

Potencialidades de armazenamento do cotidiano na imprensa

O que o jornalismo online está deixando para as próximas gerações? Que histórias reais o repórter está contando ao seu leitor e, mais importante que isso, sob que aspectos ocorre a construção de narrativas que mais tarde (ou em poucas horas) farão parte da memória de um lugar, de uma pessoa, de um acontecimento a ser lembrado ao longo dos anos? Descobrir como acontecem as relações no ciberespaço e que consequências produzem para as próximas gerações pode dar à mídia novas características, novos formatos e até novas atribuições. A partir desse viés, pode-se desvendar potencialidades a partir de paradigmas já estabelecidos ou ainda apontar aspectos relacionados a novas iniciativas epistemológicas.

Ao procurar avaliar a construção da memória em um ambiente coletivo que é o ciberespaço este trabalho busca compreender os novos mecanismos de armazenamento do cotidiano, a partir de matérias publicadas em sites de notícias, com desdobramentos autônomos ou não, a partir da ideia de cultura transmidiática (JENKINS, 2008). Essa análise torna-se pertinente e necessária quando se leva em conta que, a partir do desenvolvimento de novas tecnologias, a sociedade precisou adaptar-se, seja na hora de fazer compras, se relacionar, estudar, votar, e a produção e consumo de notícias não se fez indiferente diante das transformações sociais ocasionadas com o advento tecnológico.

Diante das rupturas avaliadas e das novas necessidades criadas para a atividade jornalística ao longo dos anos, elementos distintos passaram a fazer parte da construção da notícia, desde a ideia de pauta até a escrita das matérias e a sua disponibilização para o público. Para alcançar as mudanças sociais, as empresas de comunicação também precisaram captar o jogo do marketing na hora de vender suas notícias, aderindo assim aos tantos produtos que passaram a ser não apenas consumido de forma massiva, mas usados de maneira intensa pela sociedade. Não apenas ganha notoriedade esse novo cenário, mas torna-se objeto de estudo de conglomerados que precisam manter a audiência usando mecanismos como as redes sociais, por exemplo.

Portanto, ganha a notícia novos formatos, e o fato histórico também passa a ser apurado, contado e consumido de forma diferenciada, com aparatos que e ferramentas que tentam a todo custo prende a atenção do leitor. A linguagem ultrapassa de maneira constante e intensa a palavra, e para que o leitor possa entender de forma coerente uma informação, é necessário não apenas ler um texto, mas examinar diversos tipos de imagens.

Quando se refere ao lugar que a imagem técnica, também com o advento tecnológico, ganhou na vida social, Vilém Flusser explica a hibridização dos dois tipos de leitura aos quais ele vai chamar de “linear” (quando se trata da palavra escrita) e “em superfície” (associação à imagem) e lembra que as duas se combina para a compreensão de uma narrativa e leva até a um viés pessimista seu raciocínio em relação a essa união entre texto e imagem, observando a sobreposição das imagens sobre a palavra.

A maneira mais fácil de se imaginar o futuro da escrita – se houver continuidade da tendência atual em direção a uma cultura de tecno-imagens – é pensar aquela cultura como um gigantesco transcodificador de texto em imagem. Será um tipo de caixa preta que tem textos como dados inseridos (*input*) e imagens como resultados (*output*). Todos os textos fluirão para essa caixa (notícias e comentários teóricos sobre acontecimentos, *papers* científicos, poesia, especulações filosóficas) e sairão como imagens (filmes, programas de TV, fotografias). O que quer dizer que a história fluirá para dentro daquela caixa e sairá de lá em forma de mito e mágica. (FLUSSER, 2007, p.147).

Na busca por compreender os novos formatos de contar histórias reais, a união de linguagens, plataformas e estratégias para produção e consumo de notícias é observada como um campo de mudança constante, tornando-se uma área de pesquisas diárias por estudiosos ligados à comunicação, sociologia, antropologia, psicologia e afins, justamente e devido à visibilidade adquirida na esfera pública real e virtual. (SCOLARI, 2010).

Em teorias: memória, acontecimento e narração de fatos reais

Nunca se escreve sozinho uma poesia, uma música, uma história. Assim como jamais se produz sozinho uma matéria de jornal. A memória é parte preponderante desses processos de escrita, tanto para emissor quanto para o receptor. Embasado no conceito de memória coletiva, criado pelo sociólogo e herdeiro da obra de Durkheim, Maurice Halbwachs, o indivíduo, ao relembrar algo, ainda que sem a presença de outrem, está

sempre acompanhado do que vivenciou, experimentou ao lado de alguém. É assim na narrativa jornalística, tanto quando se rememora fatos individuais quanto se tratam de acontecimentos históricos. É assim na emissão de informações e também na recepção.

Maurice Halbwachs (1990) foi quem propôs a ideia de uma “memória coletiva”. Neste momento, o autor referia-se à construção de uma memória individual que seria sempre criada por meio de recorrências a momentos vividos em determinados grupos. Para Halbwachs, cada vez que uma pessoa remonta um passado, longínquo ou não, as impressões construídas ali estão impregnadas de experiências e vivências tidas dentro dos grupos que o sujeito fizera parte: família, escola, bairro, trabalho, partidos políticos.

Enquanto isso, Jacques Le Goff, um dos teóricos a serem utilizados no embasamento deste trabalho, também enfoca o papel preponderante do passado, da memória social e coletiva na construção do presente e do futuro das sociedades ao longo dos séculos. Além de discorrer sobre diversos tipos de memórias e suas implicações na vida pública e privada dos indivíduos ao longo do desenvolvimento social do espaço urbano, ele ainda ressalta o papel do jornalismo ao lidar com a história, com o passado diante de questões e reflexões acerca do presente e do passado. “Memória jornalística e diplomática: é a entrada em cena da opinião pública, nacional e internacional, que constrói também a sua própria memória”. (GOFF, 1924, p. 397).

O autor francês não tinha ideia de como os avanços tecnológicos ainda iriam interferir nas questões ligadas ao passado, já que o jornalismo online não era realidade nessa época. Produto que hoje faz parte do cotidiano, o jornalismo online passou por alterações e segue a cada dia ganhando novos formatos, como relata a contextualização histórica de autores como Palácios e Machado (2003) ao dividirem o “webjornalismo” em três gerações desde seu nascimento. Na primeira, o webjornalismo era uma cópia dos originais impressos disponíveis no mercado. A segunda geração é marcada pelo início da inserção de elementos característicos da *web*, como *chats* e fóruns. Na terceira geração, as empresas de comunicação passam a disponibilizar profissionais da área de comunicação exclusivamente para a atuação na Internet. E nascem, portanto, outras ferramentas que sugerem uma maior interação com o leitor, contado inclusive com sua colaboração.

O jornalismo online em uma quarta geração, citado por Carla Schwingel (2005), “consolidaria a utilização de bancos de dados complexos (relacionais, voltados a objetos) através da utilização de ferramentas automatizadas e diferenciadas (sistemas para a apuração, a edição e veiculação das informações) na produção de produtos jornalísticos”. (Carla Schwingel, 2005, p.10). Outra autora pesquisadora dessa categoria é Luciana Mielniczuk, que discorre sobre formatos de notícias para a *web*, destacando alguns elementos essenciais nos sítios, como o *link*.

Toma-se como exemplo o fato de que o jornalismo passou a ocupar um papel relevante no Ciberespaço, termo proposto por Pierre Lévy e usado pela primeira vez em 1984, no romance de ficção científica, *Neuromance*, de William Gibson. Na história, o Ciberespaço é tido como “o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural”.(Lévy, 1999, p.92).

Já no fim do século XX, Pierre Lévy adiantou alguns aspectos que vivenciamos hoje quando afirmou que a digitalização das informações tornaria o Ciberespaço “o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade”. Hoje não é possível somente pesquisar na *web*, mas trocar relações afetivas e de trabalho ou ainda informar-se de forma ágil sobre o que se passa no mundo. Colocando o termo Ciberespaço num contexto ainda mais aprofundado do que o do romance de Gibson, Lévy define o Ciberespaço como:

O espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. (LÉVY, 1999, p.92).

A colaboração é mais uma categoria da pesquisa em questão. Assim como já ocorria nos jornais, revistas, TVs e rádios, onde o receptor já possuía a oportunidade de “colaborar” com a produção do conteúdo a ser veiculado. “Na década de 1990, houve um aumento considerável do número de jornais que abriram espaço para reivindicações dos leitores e houve também um aumento do número de usuários das colunas ou páginas de serviços”. (Abreu, 2003:7). Esses elementos são características do *Participatory Journalism*, uma

“forma [jornalística] pela qual cidadãos ou grupo de cidadãos desenvolvem uma participação ativa no processo de coleta, organização, análise e disseminação de notícias e informação” (BOOWMAN e WILLIS, 2003, p.9).

O blog jornalístico é um exemplo de veículo colaborativo que agrega à sua função social de informar, o *feedback*, quando disponibiliza uma seção de comentários, uma das formas de colaboração dos leitores. Mas a colaboração não para por aí. Hoje, com a forte massificação das redes sociais, dos grupos de amigos em ambientes como o whats app dentre outros aplicativos de conversas instantâneas, se multiplicam as formas de colaborar com a produção da informação.

A cada intervenção, o texto como um todo se altera. Após cada movimento, a produção se mostra diferente aos seus autores. Esse processo coletivo acaba por criar um espaço de debates, mantido através de negociações entre os participantes. Essa dinâmica ganha movimento a partir das modificações que constantemente alteram o escrito e, por que não, os próprios autores. (RECUERO e PRIMO, 2003, p.14).

Por fim, diante de tantos formatos e possibilidades de se noticiar, para compreender as construções na imprensa, a narração do fato deve ser levada em conta como elemento primordial diante da perspectiva tanto histórica quanto instantânea da elaboração da notícia. Entram nesse âmbito os embasamentos ideológicos, assim como os conceitos e questionamentos acerca da neutralidade do redator, além do processo de construção de memória coletiva diante do fato social, independentemente da plataforma em que a notícia é publicada. (SODRÉ, 2009).

Para debater algumas análises e hipótese adiantadas neste artigo avalia-se, neste momento, um recorte acerca da Jornada Mundial da Juventude (JMJ Rio 2013) como sendo um fato histórico, noticiado pelo Jornal O Globo, a partir de várias vertentes, rendendo uma série de matérias veiculadas em formatos e plataformas diferenciadas que, ao final, resultou no armazenamento da memória do evento que, além de ter trazido o papa ao Brasil, reuniu milhões de fiéis de diversos países, alterando muito mais que o cotidiano nas redações, mas o dia a dia de estrangeiros e brasileiros.

Para este artigo, toma-se um recorte do site do jornal O Globo, no período entre 27 e 28 de julho de 2014, tendo em vista que no sábado (dia 27/07) ocorreu a Vigília da JMJ, momento tido como o ponto alto do evento e que reuniu cerca de 3,5 milhões de pessoas. Ao todo, foram selecionadas cerca de 32 publicações⁴ relacionadas à vigília, com aspectos diversos, com pautas relacionadas ao evento da noite, assim como a preparação e os acontecimentos que sucederam o encontro. O material, além de estar dividido entre textos (matérias ou apenas informações curtas), fotos, vídeos, gráficos possui comentários de leitores diretamente na página, assim como recomendações de espectadores e do próprio jornal em redes sociais como Facebook, Twitter e Google+.

Em uma das matérias, intitulada “Papa cita manifestações e pede que jovens católicos sejam protagonistas da mudança s”, os jornalistas Fábio Vasconcellos e Rafael Galdo fazem um balanço do que ocorreu durante a vigília. Junto ao texto há um link que leva à íntegra do discurso do papa Francisco. Além disso, a própria matéria já está *linkada* em outros materiais disponibilizados posteriormente pelo site. O texto possui 17 comentários, entre elogios, críticas à igreja e políticas e pode ser acessado em <http://oglobo.globo.com/rio/papa-cita-manifestacoes-pede-que-jovens-catolicos-sejam-protagonistas-da-mudanca-9220847>. Por meio do texto, os leitores interagem e emitem opinião sobre o assunto de forma direta e aberta, preenchendo com visões e aspectos diferenciados o assunto em questão.

Em outro link, O Globo preparou um infográfico explicando as interdições relacionadas aos trechos que levariam ao local da vigília. A publicação “JMJ: as interdições em Copacabana”, que recebeu 242 recomendações no Facebook e 22 comentários no Twitter, está disponível no endereço <http://oglobo.globo.com/infograficos/jmj-interdicoes/>. O material é repassado na rede de modo que as pessoas presentes no Rio de Janeiro possam ter noção de como se movimentar, e acaba virando uma troca de informações entre amigos e conhecidos, que rende ao jornal diversos acessos, já que, não apenas os participantes têm a necessidade de saber dos bloqueios, mas o público em geral.

⁴ Trabalha-se como termo “cerca” porque alguns materiais estão repetidos no site do Jornal e outros são apenas atualizações, portanto, não estão contabilizados nesta amostra.

Entende-se, a partir daí, a tentativa do jornal O Globo de trabalhar unindo diferentes formatos e plataformas (já que existem versões específicas para tablets e smartphones, por exemplo), a fim de conseguir audiência chegando onde o leitor está. O periódico, além de tentar garantir o registro do fato histórico a partir de ferramentas distintas, insere-se a todo momento em redes sociais para chamar a atenção do leitor e para se utilizar dessas novas formas de relações sociais para fazer circular a informação, obtendo, dessa forma, mais cliques nas publicações.

Las redes sociales surgen, em certa medida, para simular y reproducir la relación humana em la red. Es una realidad em hecho de que por las redes sociales podemos establecer mayor cercania com las relaciones que tenemos, tanto personales, profesionales e incluso, comunicacionales. Por este motivo, muchos periodistas aprovechan las redes sociales para promover la circulación de la información cada vez com mayor intensidad. (FLORES e PORTO, 2012, P. 55).

Diante dessas primeiras avaliações acerca das narrativas transmidiáticas, tem-se em mente que, não apenas as redações têm caminhado rumo a novas adaptações para atrair leitores, construindo uma teia de informações acerca de um evento de grande proporção, mas os espectadores têm adotado novas práticas sociais a partir dessa realidade onde está inserido, com aparatos tecnológicos disponíveis em tempo integral, acesso à internet e os desejos de movimentar os círculos sociais (prioritariamente na *web*) dos quais agora fazem parte.

Como ressaltam os autores já citados, esse caminho percorrido entre plataformas e ambientes distintos, como redes sociais, blogs, sites, é realidade cada vez mais presente, tanto para pensar estratégias de comunicação dos conglomerados, quanto para estabelecer vínculos entre círculos sociais diferenciados, gerar repercussão de assuntos e ainda servir como ambientes de respostas do espectador que, agora, tem ao seu dispor várias formas de dar ao emissor da informação *feedback* sobre o que está consumindo.

Considerações Finais

Em toda essa teia de processos de distribuição de informação por meio da imprensa, apoia-se a notícia, sendo fruto de construções de discursos que culminam na narração de fatos, atividade que cruzou continentes e séculos adquirindo formatos, plataformas e estruturas diferenciadas, sendo, inclusive, o reflexo de práticas adotadas nas sociedades de agora e de tempos atrás. A cultura da convergência ganha notoriedade, entra no cotidiano das redações para adentrar o dia a dia do leitor e, a partir de então, toda a produção deve levar em conta essa pluralidade tecnológica na qual a sociedade está imersa.

Considerando essas estruturas, assim como o caráter ideológico envolvido na lógica de produção da notícia, sua função ancora-se sempre na mesma base: informar. “A antiga função integradora da narrativa continua presente na comunicação do acontecimento, em geral mesclando realidade histórica com imaginário coletivo, como se dava na oralidade narrativa clássica”. (SODRÉ, 2009, p.15).

E a memória é parte integrante dessa construção. Quando se trata do tema, Le Goff ressalta a atuação da imprensa e é claro ao afirmar que uma nova entrada do testemunho nos domínios da história, embora seja importante e decisiva para a sociedade, levanta problemas aos historiados a partir do desenvolvimento dos media e a evolução do jornalismo, justamente “pela vontade de colocar a explicação no lugar da narração”. O autor trata da construção do presente e expectativas acerca do futuro e enfatiza o papel de profissionais como o jornalista no trato com a memória.

Tem, portanto, o jornalista, seja em qualquer uma das plataformas ou estruturas nas quais atua, seu papel também preponderante ao lidar com a memória, ao destacar em textos fatos do passado, o que muitas vezes não ganha foco dentro da narrativa jornalística que, por falta de tempo, de experiência profissional, espaço ou pesquisas mais intensas, deixam de lado dados primordiais para dar um caráter completo e coerente às histórias reais.

Referências bibliográficas

CASADEI, E. B. . *Os Novos Lugares de Memória na Internet: as práticas representacionais do passado em um ambiente online*. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1-27, 2009.

CASALEGNO, Federico (2006). *Memória Cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes*. Porto Alegre. Sulina.

FLORES, Jesús e PORTO, Denis. *Periodismo Transmedia. Reflexiones y técnicas para el ciberperiodista desde los laboratorios de medios interactivos*. Madrid. Editorial Fragua, 2012.

GOFF, Jacques Le. *História e memória*. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

PALACIOS Marcos e MACHADO Elias. *Modelos de Jornalismo Digital*. Bahia: Calandra, 2003.

RECUERO, Raquel ; PRIMO, Alex Fernando Teixeira . *Hipertexto Cooperativo: Uma análise da Escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipedia*. Revista da FAMECOS, Porto Alegre, v. 22, p. 54-65, 2003.

SCOLARI, Carlos A. *Hipermediaciones (o cómo estudiar la comunicación sin quedar embobados frente a la última tecnología de California) - Entrevista a Damián Fraticelli*. Revista Lis - Letra Imagen Sonido - Ciudad mediatizada. Año III 5, mar.-jun. 2010, p. 3-11. Disponível em <http://semioticafernandez.com.ar/wp-content/uploads/2012/03/11-LIS5-Hipermediaciones-CAS.pdf>. Acesso em: 5 de junho de 2014.